A vida não é útil

de Ailton Krenak

por Francisco Mariani Casadore

AOL

Análise de Obras Literárias

Poliedro

Sistema de Ensino

Poliedro
Sistema de Ensino

COLEÇÃO AOL

Copyright © Poliedro Sistema de Ensino Ltda., 2024.
Todos os direitos de edição reservados ao
Poliedro Sistema de Ensino Ltda.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal, Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ISBN 978-65-5613-481-9 (impresso)
ISBN 978-65-5613-485-7 (digital)

Presidente: Nicolau Arbex Sarkis

Autoria: Francisco Mariani Casadore

Edição de conteúdo: Marina Ribeiro Candido, Cláudio Leyria e Rogério Fernandes Salles

Edição de arte: Leonardo Carvalho

Design: Adilson Casarotti

Ilustração: Gil Tokio

Licenciamento e multimídia: Izilda Monte Alto da Silva Canosa e Vitor Hugo Duarte Medeiros

Revisão: Barbara Eleodora Benevides, Diogo Souza Santos e Camila Coutinho

Impresso e acabamento: PifferPrint

O **Poliedro Sistema de Ensino Ltda.**, pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no art. 28 da Lei nº 9.610/98.

Poliedro Sistema de Ensino
T. 12 3924-1616
sistemapoliedro.com.br

A vida não é útil

de Ailton Krenak

por Francisco Mariani Casadore

AOL
Análise de Obras Literárias

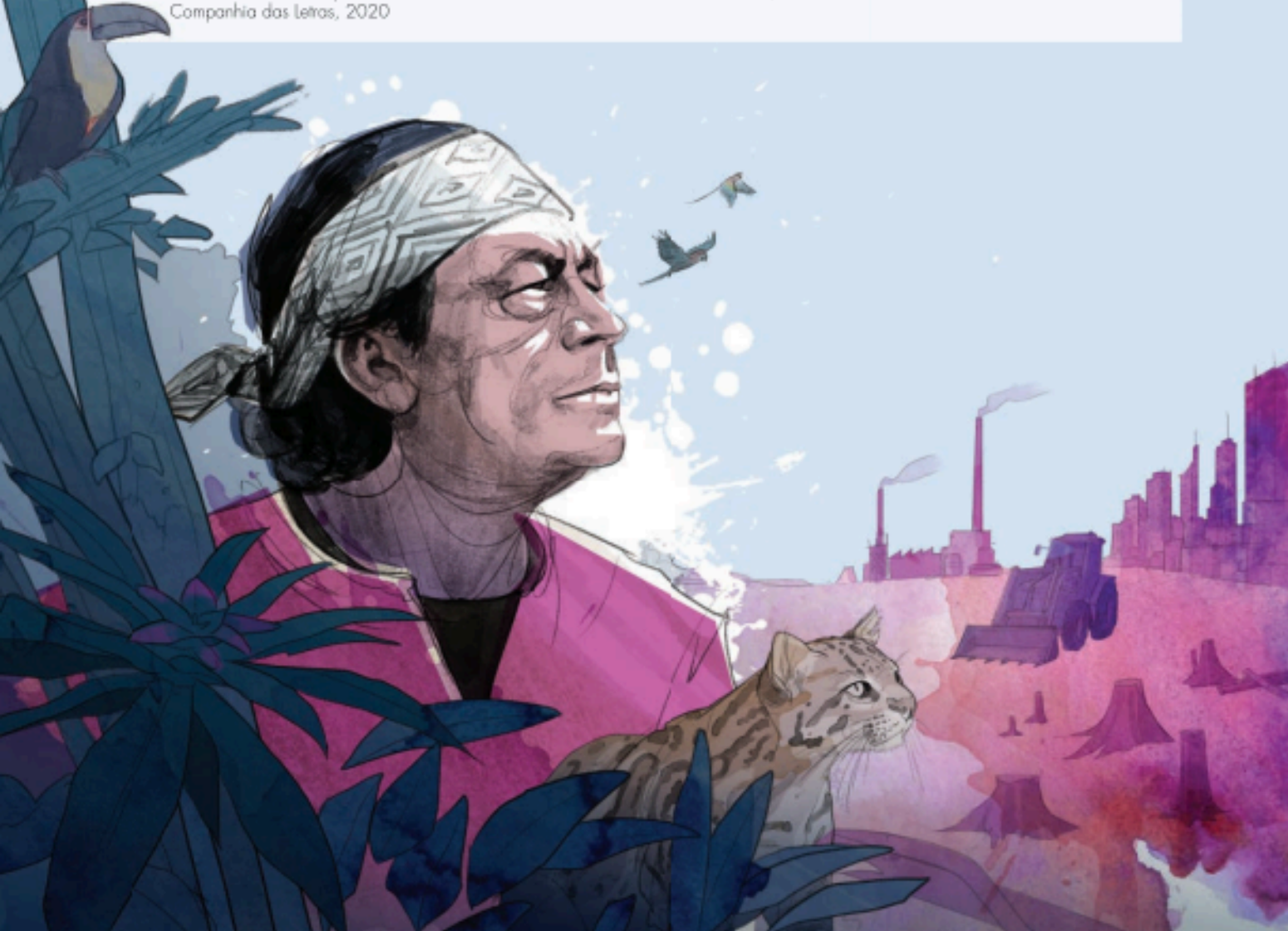
Poliedro
Sistema de Ensino

A vida não é útil

de Ailton Krenak

A vida não é útil, **de Ailton Krenak, é um livro com uma visão de mundo permeada por ideias de enorme relevância. Composto de cinco textos que apresentam reflexões sobre a maneira como nos relacionamos com o planeta – e uns com os outros – a partir da visão de Krenak, um dos líderes da Aliança dos Povos da Floresta e figura importante na criação da União das Nações Indígenas (UNI). Enquanto assistíamos perplexos ao confinamento provocado pela covid-19, Krenak já enxergava o surgimento do vírus sem tanta surpresa, como uma resposta natural da Terra para o modo de vida nada sustentável que levamos.**

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020



INTRODUÇÃO

> [...] em vez de imaginar mundos, a gente os consome.
>
> Ailton Krenak

A vida não é útil é um livro de não ficção, mas traz, no decorrer de seus textos, uma visão de mundo sobre a realidade que se aproxima em muito do que chamamos de distopia, isto é, de um lugar ou estado marcado por opressão e desespero – com a diferença de que o termo é usado para aludir a narrativas de ficção científica ou outros mundos imaginados, enquanto Krenak vê essas características no nosso dia a dia e no modo como vivemos atualmente.

Contudo, cabe ressaltar desde já, o autor defende que suas ideias não são de forma alguma alarmistas ou apocalípticas; antes, elas são um convite para repensarmos nosso papel no planeta Terra e nossa relação com a humanidade – que, como veremos, para Krenak possui outro conceito, mais amplo e coletivo do que esse construído socialmente pelo homem branco no decorrer da História.

Esse pequeno volume é constituído por cinco textos, que são:

- Não se come dinheiro
- Sonhos para adiar o fim do mundo
- A máquina de fazer coisas
- O amanhã não está à venda
- A vida não é útil

As ideias de Krenak presentes nesse livro foram comunicadas anteriormente em eventos que contaram com a participação do autor – *lives*, entrevistas e palestras. A organização ficou a cargo de Rita Carelli.

SOBRE O AUTOR

Pequena biografia do autor

Sally View/Shutterstock.com

Ailton Alves Lacerda Krenak

Ailton Alves Lacerda Krenak nasceu em Itabirinha de Mantena, Minas Gerais, em 1953. Atualmente, é considerado um dos maiores líderes da luta pelos direitos indígenas e também pelo meio ambiente.

Localização das terras do povo Krenak, situadas no médio rio Doce, em Minas Gerais.

Os Krenak são considerados os últimos Botocudos do Leste – este nome decorre do uso de botoques auriculares e labiais e foi designado pelos portugueses no século XVIII. Nos anos 1950, quando Ailton nasceu, o povo Krenak era declarado extinto; seu território, no médio rio Doce, estava dominado por fazendeiros, e os sobreviventes, por sua vez, haviam sido removidos para outras regiões e viviam fugindo. O próprio Ailton relata que, até os 17 anos de idade, sua vida consistiu em acompanhar seu pai nessas fugas, até que, diante da violência frequente contra os indígenas, Krenak se perguntou por que não se unir a outros povos como saída para resistirem a essa cruel realidade.

Entre suas contribuições está a criação da União das Nações Indígenas (UNI), na década de 1980, como resultado das lutas dos povos indígenas por uma organização que tivesse abrangência nacional. Foi também nessa década que Krenak se envolveu na Aliança dos Povos da Floresta, na busca por demarcação de terras indígenas e pela criação de reservas extrativistas.

O autor e seu período

Falar de Ailton Krenak é falar também de seu povo. Dada a sua trajetória, podemos considerar que é falar de todos os povos indígenas do Brasil e de outros países e continentes. Essa premissa ocorre não apenas pela árdua atuação de Krenak frente aos problemas e à violência enfrentados historicamente pelos indígenas, mas, principalmente, porque o próprio conceito de individualidade não faz parte da visão de mundo desses povos. Sua organização e seu modo de ser e estar no planeta são coletivos – e num sentido muito genuíno, como veremos na análise dos textos que compõem *A vida não é útil*.

No século XX, com o aumento vertiginoso do desmatamento, da pecuária e de outras práticas exploratórias que colocaram em xeque a preservação das florestas no país, povos indígenas de várias regiões foram perseguidos, expulsos de suas terras e até mesmo assassinados. Foi a partir da década de 1970 que algumas lideranças começaram a se unir a fim de não apenas denunciar esse cenário, mas lutar por garantias e direitos. Nesse contexto, conforme já vimos, surgiram algumas organizações como a União das Nações Indígenas e a Aliança dos Povos da Floresta.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 trouxe, nesse sentido, algum avanço e reconhecimento para as lutas indígenas, ao menos na teoria. Há, nesse documento, um capítulo dedicado exclusivamente a essas questões. Vejamos alguns dos parágrafos que merecem maior destaque para compreendermos melhor o contexto:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

[...]

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, *ad referendum* do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil* de 1988. Brasília: DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

Embora tenha ocorrido o reconhecimento dos povos indígenas e o direito a ocuparem suas terras tenha sido garantido, este último fato está submetido, conforme dispõe o parágrafo 5º, ao Congresso Nacional. Isso abre espaço, por exemplo, para a construção de barragens e usinas hidrelétricas, trazendo consequências para diversos povos e áreas.

Ademais, a demarcação das terras indígenas (TIs) vem sendo debatida nos últimos anos. Isso porque, em tese, ela cabe à Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e ocorre mediante critérios técnicos e análises; depois, a homologação fica a cargo do Presidente da República.

Recentemente, no entanto, a aprovação de um projeto de lei de 2007, denominado **Marco Temporal**, surgiu como uma ameaça a essa questão, pois requer a comprovação de uma etnia quanto à ocupação de determinado território desde antes de 5 de outubro de 1988, quando a Constituição foi promulgada.

Observação:

O Projeto de Lei n. 490/2007, conhecido como Marco Temporal, representa uma ameaça para algumas árduas conquistas dos povos indígenas no decorrer da nossa História. Isso porque ele prevê que os povos comprovem que habitavam determinado território antes de 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal. Isso abre espaço para que algumas demarcações de terras sejam questionadas e ignora o fato de que muitos desses povos não habitam as mesmas terras que seus ancestrais por terem precisado se refugiar em outros territórios a fim de sobreviverem ao homem branco.

Obras do autor

Obras e participações

Livros

- *Encontros: Ailton Krenak* (organização de Sérgio Cohn) (2015)
- *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019)
- *A vida não é útil* (2020)
- *Futuro ancestral* (2022)

Documentários

- *Ailton Krenak e o sonho da Pedra* (direção de Marco Altberg, 52 minutos) (2018)
- *Pisar Suavemente na Terra* (direção de Marcos Colón, 73 minutos) (2022)

Exposições

- *Armadilhas Indígenas* (participante) (2016)
- *Adornos do Brasil Indígena: resistências contemporâneas* (participante) (2016-2017)
- *A Queda do Céu* (2019)
- *O Rio dos Navegantes* (participante) (2019-2020)
- *Véxoa: Nós sabemos* (participante) (2020)
- *Moquém_Surarî: arte indígena contemporânea* (participante) (2021)

Aspectos gerais da atuação do autor

Como vimos, a atuação de Ailton Krenak está muito ligada a ações que permeiam as lutas dos povos indígenas por direitos essenciais e medidas para a conscientização da população acerca da necessidade de repensarmos nossa sociedade do consumo. Krenak não se lançou, inicialmente, como escritor. Seus livros, no entanto, surgiram de suas falas e aparições, de suas tentativas de dialogar com a sociedade – vemos que seu repertório é vasto e que o autor não se descola da nossa realidade, apenas discorda de como vivemos.

De Carlos Drummond de Andrade ao Big Brother; de Albert Camus à Amazon, muitas são as referências que ligam as falas de Krenak a nós. Nesse sentido, nos últimos anos, conforme as pesquisas acenderam sinal amarelo para o futuro das próximas gerações e indicaram que estamos mais próximos de destruir a Terra do que supúnhamos – ou do que queríamos supor, ocupados com outras coisas mais atraentes –, o discurso de Ailton Krenak não poupa críticas. Talvez tenha vindo de sua obstinação em defender a natureza o sucesso de suas falas. As ideias do autor partem de premissas coletivas, ancestrais, de resgate de valores que foram abandonados em troca de conforto e bens materiais.

> As histórias de Ailton, assim como as do xamã yanomami Davi Kopenawa e de tantos outros indígenas que insistem em narrá-las, são para nos salvar a todos, especialmente as próximas gerações. O autor coloca uma questão crucial: "Já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem?".
>
> VILAÇA, Aparecida. Do parque ao *parking*. *Quatro cinco um*, 1º jul. 2019. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/ciencias-sociais/do-parque-ao-parking. Acesso em: jun. 2023.

Provocativo, direto e certeiro, o autor não está para brincadeiras. Se dependesse dele, aliás, estaríamos todos de castigo agora, pois avançamos de maneira inconsequente muitos passos rumo ao fim do mundo – do nosso, pois a Terra continuaria a existir sem a espécie humana, inclusive com ainda mais chances de se recuperar de todo o estrago que causamos. Entretanto, em vez de apenas apontar o dedo e elencar nossos fracassos como espécie, Krenak compartilha conosco as histórias de seu povo, o que aprendeu nos anos em que passou fugindo dos homens brancos, e sua relação de harmonia com a natureza – e por que essa é a única relação possível para nossa sobrevivência.

Aspectos gerais da obra analisada

Com a finalidade de melhor organizar as ideias comunicadas por Ailton Krenak em *A vida não é útil*, analisaremos a seguir, individualmente, as principais características de cada um dos textos. Antes, contudo, é válido compor um breve panorama sobre o livro.

Muito do que Krenak defende e expõe aparece em várias de suas falas. Há que se considerar, nesse sentido, o objetivo maior de sua trajetória, que é lutar pelas garantias de direitos dos povos indígenas e também por ações que revertam o uso excessivo de recursos naturais para manutenção do nosso estilo de vida. Conforme suas falas ganharam destaque e sua voz passou a ser mais ouvida, o líder indígena se dirige, nas entrevistas, palestras e *lives*, a um público cada vez mais amplo. Compartilhar sua visão de mundo com essa sociedade que se pretende moderna e ignora os desdobramentos do consumismo, portanto, serve quase como um convite para reflexão, o que, por si só, justifica a recorrência com que algumas ideias aparecem nos textos.

Outra marca frequente nas falas de Krenak é a intertextualidade. Esse recurso revela um grande conhecimento de mundo e, ao mesmo tempo, enriquece e endossa os argumentos propostos: de leis da Física a Carlos Drummond de Andrade, passando por histórias bíblicas, Milton Nascimento e Albert Camus, são muitas as referências que Krenak possui e emprega para estreitar sua conexão conosco.

Não se come dinheiro

Logo na introdução do texto que abre o livro, Ailton Krenak revela seu distanciamento do pensamento ocidental ao relatar o que pensa do conceito de humanidade:

> Uma imensidão de seres que nós excluímos desde sempre. (p. 9)

Enquanto nós consideramos como núcleo dessa humanidade apenas o *Homo sapiens*, o autor estende sua visão aos animais que matamos para demonstrar nossa superioridade e domínio, por exemplo. No que se refere aos seres humanos, Krenak também denuncia uma organização social que privilegia alguns grupos em detrimento de outros – caiçaras, quilombolas e indígenas, que, segundo o autor, constituem – na visão ocidental – uma sub-humanidade e foram deixados pelo caminho.

Esse caminho, aliás, é pavimentado pelo homem a partir da ideia – criticada por Krenak – de progresso, como se estivéssemos em direção a algum lugar e tudo que não nos acompanha e supre nossas necessidades fica para trás. Nesse sentido, o vírus da covid-19, defende o autor, consiste em uma manobra da Terra para nos mostrar como somos vulneráveis e reféns do estilo de vida que nós próprios criamos.

Logo que a pandemia foi decretada e o isolamento social se fez necessário como medida de contenção do vírus, assustados, recolhemo-nos com dúvidas, medo e expectativa. De uma hora para outra, ir ao supermercado passou a ser uma tarefa complicada, envolvendo riscos e angústias. Sobre esse contexto, Krenak pondera:

> Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro. (p. 12)

A ideia de que não se pode comer dinheiro, em seguida, é reafirmada a partir da fala de um indígena norte-americano que Krenak relata ter ouvido; trata-se, sobretudo, de um pensamento confiado a esse indígena por um ancestral, que afirmava:

> Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro. (p. 13)

Com isso, podemos observar dois pontos significativos para nossa análise: o primeiro é a perpetuação do conhecimento de mundo anterior a nós, passado de geração a geração e valorizado nas culturas indígenas. O segundo, por sua vez, refere-se à crítica que Krenak tece ao conceito de economia,

que ocupa um espaço central em nossas vidas e é usado como subterfúgio para incentivar o acúmulo de riquezas, tido como prova maior de êxito e sucesso nas sociedades modernas.

Essa concentração de poder nas mãos de poucos é explorada para reforçar a crítica de Krenak: com um pensamento cáustico, ele se refere aos projetos custeados por alguns bilionários para possibilitar expedições a outros planetas; nesse ponto, o autor se vale de certa ironia para incentivar o projeto e faz um adendo:

> Podem deixar o endereço que depois a gente manda suprimentos. (p. 15)

Dando continuidade à análise voltada para essa realidade onde muitos ficam de mãos abanando enquanto poucos detêm o poder graças ao acúmulo exagerado de riquezas, Krenak atenta para o fato de que no mundo, hoje, não há mais separação entre as gestões política e financeira. Isso porque, em nome da economia, os governos cedem cada vez mais ao interesse de empresários e empresas ou, como afirma o autor,

> Somos governados por grandes corporações. (p. 15)

A partir desse panorama, Krenak vislumbra que a condição de vida no planeta atingiu um clímax e, em dado momento, um bilionário e um simples assalariado ocuparão o mesmo patamar; para entender essa ideia, o autor sugere uma situação na qual alguém que possui riquezas providencie um lugar onde ficará blindado e sem ser exposto a um vírus ou a outras doenças. Esse lugar pode, aliás, ser equipado com um respirador para cada pessoa que habitá-lo como medida de segurança. Isso requer, entretanto, uma fonte de energia para funcionar, e essa fonte é passível de ser desligada. Em outras palavras, não importa quanto dinheiro você tem, em algum nível, em algum momento, a depender dos danos causados ao planeta, de nada isso adiantará.

A ideia de concentração de riquezas e poder, aliás, é confrontada pelo autor a partir de uma lei da Física, segundo a qual

> Nada pode se concentrar tanto assim, por isso alguns reatores nucleares vazam – ou explodem. (p. 17)

O estilo de vida pretensiosamente moderno, para Krenak, apresenta muito mais potencial de causar dependência do que outras drogas proibidas pelo sistema. Segundo afirma, estamos

> [...] dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento. (p. 18)

Para Krenak, a dependência é tão grande a ponto de não mantermos mais conexão com o organismo vivo da Terra. Esse trecho permite apreender a visão do autor e de seu povo sobre a relação dos seres humanos com o planeta: diferentemente da maneira como usufruímos e depredamos os recursos ofertados pela natureza, como se estivéssemos apartados dela, os indígenas se enxergam como parte de um todo, valorizando a biodiversidade que constitui esse grande organismo do qual participamos – os rios, as montanhas, as florestas interagem conosco, comunicando para aqueles dispostos a ouvi-los.

Prova disso, pensa Krenak, é o interesse que a teoria de Gaia despertou nos últimos anos, após relatórios confirmando o agravamento da crise climática. Após ter sido ignorada nas últimas décadas do século XX, agora essa teoria volta a se tornar foco de interesse. O criador dessa teoria, James Lovelock, faleceu aos 103 anos, em 2022. Em matéria comunicando sua morte, a revista *Veja* resume bem sua contribuição para a ciência:

> O britânico James Lovelock é um dos criadores de uma das mais bonitas ideias de nosso tempo, a Hipótese de Gaia. Segundo o cientista e a microbiologista americana Lynn Margulis, o planeta Terra é um imenso organismo vivo, capaz de obter energia para seu funcionamento, regular seu clima e temperatura e combater suas próprias doenças. Seria, portanto, capaz de "se autorregular". [...]
>
> A Hipótese Gaia foi proposta pela primeira vez na década de 1970. Lovelock e Margulis disseram que a atividade humana desequilibrou o sistema perigosamente.

PROFETA do clima, James Lovelock morre aos 103 anos, na Inglaterra. *Veja*, 17 jul. 2022. Disponível em: https://veja.abril.com.br/ciencia/profeta-do-clima-james-lovelock-morre-aos-103-anos-na-inglaterra. Acesso em: 19 jun. 2023

O intenso processo de urbanização que culminou nas metrópoles é também motivo de crítica de Krenak. Agora, com os primeiros sinais de que enfrentaremos consequências decorrentes do uso desenfreado de recursos naturais, a comunidade científica, de modo geral, parece estar motivada a considerar a teoria de Lovelock e encontrar nela artifícios que justifiquem nossa realidade climática.

Para se apegar a esse momento em que "tudo está entrando em parafuso" (p. 24), Krenak recorre ao poeta Carlos Drummond de Andrade, definido pelo autor como seu escudo. Mais especificamente, o texto recorre ao poema "O homem; as viagens" para exemplificar o contexto no qual estamos inseridos. No poema, as viagens aludidas logo no título mostram-se de caráter mais interior, indicando uma necessidade latente de o ser humano reaprender a viver e a interagir. O sujeito poético narra hipotéticas andanças do homem ao espaço, pois na Terra,

lugar de pouca diversão, ele já se sente entediado. Após chegar à Lua, decide ir a Marte; depois, a Vênus, ao Sol... Por fim, após todas essas conquistas – seguidas da mesma sensação de tédio e insatisfação –, resta ao homem fazer a viagem mais desafiadora: até si mesmo. É preciso humanizar-se e redescobrir a alegria de estar aqui, em meio a tudo que nos cerca.

Partindo desse poema, Krenak passa a divagar sobre as tentativas da Nasa de, a partir de acordos público-privados com bilionários, planejar a criação de uma cópia do planeta Terra no espaço:

> Essa cópia vai ser tão medíocre quanto eles. Se uma parte de nós acha que pode colonizar outro planeta, significa que ainda não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra. Eu me pergunto quantas Terras essa gente precisa consumir até entender que está no caminho errado. (p. 26)

Ato contínuo, o autor passa a criticar ações humanas na própria Terra, como forma de expor quão descabida é a ideia de planejar colonizar outros planetas, uma vez que não agimos de modo a preservar o nosso próprio.

Por fim, para concluir suas ideias, após apontar diversos problemas que o ser humano vem causando ao planeta, Krenak diverge do sentido tradicional atribuído à palavra "vida", pois enxerga nela muito mais:

> Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição. (p. 29)

Sonhos para adiar o fim do mundo

O título do segundo texto de *A vida não é útil* se relaciona ao livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, primeira publicação do autor a ganhar a atenção do grande público. O texto começa com uma reflexão sobre o conceito de "sonho". Logo no início, portanto, Krenak atenta para o fato de que Sidarta Ribeiro, um dos mais conceituados neurocientistas brasileiros, levanta a possibilidade de que os registros rupestres de que temos conhecimento, diferentemente do que muitos acreditam, podem não se referir a um registro da realidade, mas de sonhos.

Krenak, então, dá início a um relato; passa a contar ao leitor sobre um ancião chamado Sibupá que, há 40 anos, reuniu seus sobrinhos de adoção – entre os quais se inclui o autor – para lhes contar que havia tido um sonho. Nele, o espírito da caça aparecia zangado com esse senhor, acusando-o de não cuidar bem dos espíritos dos bichos; de acordo com o espírito da caça, o homem branco estava acabando com tudo e não demoraria para que a caça também terminasse, pois não haveria mais animais. Como consequência, o cenário era de uma "terra desolada" (p. 35).

Nessa mesma época, Krenak relata que visitou florestas na região Norte do país e durante essas andanças também fora alertado por pajés sobre a invasão do "mundo dos brancos" (p. 36) na existência desses povos. Depois, o autor passou a ter os mesmos sonhos premonitórios, ao mesmo tempo que observava a chegada de estradas, tratores e motosserras. À medida que as árvores tombavam, os rios demonstravam estar ofendidos e com raiva:

> E a ciência daquele pajé, alertando toda uma geração que hoje está com cinquenta, sessenta anos de que seu território ficaria devastado e sem caça, se cumpriu de maneira absolutamente correta. (p. 36)

Para exemplificar essa dura realidade de desmatamento e invasão, Krenak compara o Xingu a uma

> Empadinha cercada de soja por todos os lados, com tratores cortando tudo. (p. 37)

Com base nessas experiências, por fim, o autor retoma o fio condutor do texto – o sonho – e o classifica como um "lugar de veiculação de afetos" (p. 37), isto é, algo que, ao ser compartilhado com outras pessoas, passa por um processo de materialização, que conecta à realidade o que se sonhou. No caso dos povos indígenas, em contraste com o nosso modo de vida individualizado, os sonhos adquirem, ainda, um caráter coletivo – como fica evidenciado nos relatos de Krenak e nos avisos que ele e outros homens de sua geração receberam décadas atrás.

Esse senso de coletividade diz muito sobre o caminho encontrado pelos povos originários para compartilharem uma cosmovisão comum e,

Observação:

Sidarta Ribeiro (1971) nasceu em Brasília (DF). É neurocientista e professor universitário. Suas obras mais conhecidas são *Limiar* (2015) e *O oráculo da noite* (2019), nas quais aborda diversos assuntos relacionados à sua área de atuação de maneira acessível. Durante a pandemia, participou de uma conversa com Ailton Krenak no festival virtual *Na janela*, promovido pela editora que publica ambos os autores, a Companhia das Letras. Disponível em: https://youtu.be/95tOtpk4Bnw. Acesso em: 20 jun. 2023.

também, se protegerem das ameaças externas. Um trecho do texto que representa a ideia que permeia o discurso de Krenak pode ser lido a seguir:

> A ideia dos Krenak sobre a criatura humana é precária. Os seres humanos não têm certificado, podem dar errado. Essa noção de que a humanidade é predestinada é bobagem. Nenhum outro animal pensa isso. Os Krenak desconfiam desse destino humano, por isso a gente se filia ao rio, à pedra, às plantas e a outros seres com quem temos afinidade. É importante saber com quem podemos nos associar [...], em vez de ficarmos convencidos de que estamos com a bola toda. (p. 41-42).

Esse pensamento é recorrente nos textos de Krenak – e não apenas nos que compõem *A vida não é útil*, mas também nos outros títulos – e primordial para entendermos o distanciamento que existe entre o modo de vida ocidental e o de seu povo. A sua perspectiva, portanto, não é una; antes, reflete o que toda a sua gente enxerga diante das atrocidades da vida moderna, que impactam de maneira direta sua estadia na Terra. Com isso, cabe reforçar a importância de Ailton Krenak que, por meio de suas obras, exerce novamente um papel de liderança e nos convida a entender de modo até didático onde estamos falhando como humanidade.

Sobre essas falhas, Krenak não poupa críticas ao nosso comportamento no decorrer da História. Para além da destruição da natureza, o autor menciona o fato de ignorarmos a morte de pessoas – como se algumas vidas valessem mais do que outras – e nosso esforço contínuo em produzir armamentos, a ponto de termos um arsenal total que é capaz de destruir o planeta não uma, mas várias vezes. Trata-se, segundo o texto, de uma "tragédia global" (p. 43) e todos esses elementos servem como provas de que não há um parâmetro de qualidade na humanidade como a concebemos.

O capitalismo, enfim, é comparado a uma doença em processo de metástase, pois se proliferou por todo o planeta e hoje dita a vida das pessoas de uma maneira que não se pode controlar. Portanto, Krenak alerta que nosso "sonho coletivo de mundo" (p. 44) – pautado por todas essas problemáticas levantadas – não pode se configurar do modo como está: é preciso habitar o planeta de outro jeito.

> Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo. (p. 47)

Observação:

No texto "Sonhos para adiar o fim do mundo", Krenak alude a uma música composta por Caetano Veloso, "Um índio". Ela está disponível no canal oficial do cantor. Disponível em: https://youtu.be/GZFIhBfMj_4. Acesso em: 20 jun. 2023.

A máquina de fazer coisas

O terceiro texto do livro se inicia mencionando a ideia que perpassa as narrativas indígenas acerca da origem da vida. De acordo com essas narrativas, antes de nos tornarmos pessoas, já fomos outras coisas – peixes, árvores. Essa ideia, aliás, é compartilhada não apenas com os povos indígenas do nosso território, mas de outras partes do mundo também – Krenak cita os Ainu, que vivem na Rússia e no Japão, além de outros parentes dos Estados Unidos e do Canadá.

A partir dessas narrativas, o autor parte da força de expressão "ficar de pé" para aproximá-la das árvores e florestas. Assim, "uma nação que fica de pé" traz relação, segundo os povos originários, com as florestas – e não apenas num sentido metafórico: compartilhamos genes com as árvores, o que nos permite sentir a abrangência e o poder de florestas no planeta.

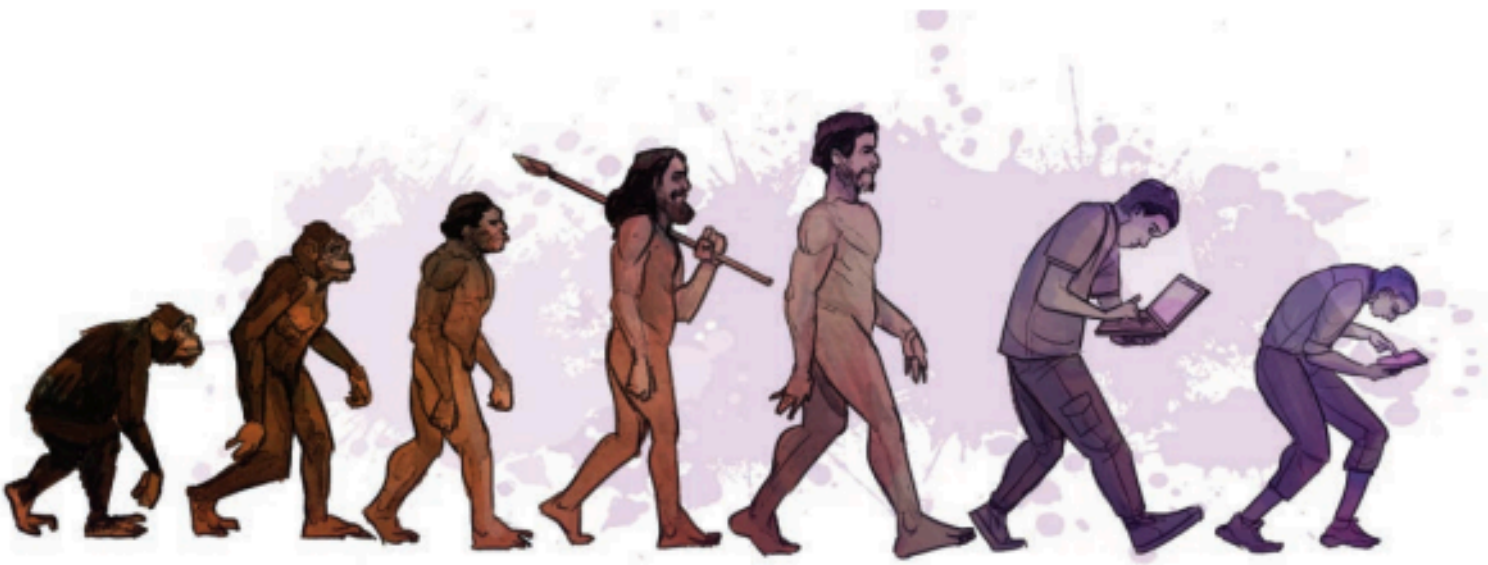
O desmatamento, então, entra em cena. Krenak recorda que há décadas há uma luta para contê-lo, a ponto de instituições como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas terem desenvolvido programas com essa finalidade, sem nenhum sucesso. O autor lamenta, então, que sua escolha pessoal de não derrubar árvores ou não usar automóveis é indiferente nesse cenário mais amplo em que nos inserimos, de destruição desenfreada. Como bem recorda, estamos a apenas um grau e meio de a temperatura do planeta atingir um nível em que muitas espécies de animais desaparecerão. Trata-se de uma tragédia já em andamento – ou, melhor dizendo, em progresso.

O questionamento que surge daí é: se durante a pandemia de covid-19 soubemos rapidamente ouvir o chamado para ficarmos em casa e nos adaptamos a uma nova realidade em pouco tempo, por que não damos a mesma atenção a essa série de consequências desastrosas decorrentes das mudanças climáticas que nos espreitam logo ali?

Em retrospecto, o autor divaga sobre quando o ser humano se apropriou da técnica – atuando sobre a terra, a água, o vento, o fogo... Essas conquistas foram as responsáveis por nos causar o "sentimento de pertencimento à totalidade da vida" (p. 56) e, desde então, perseguimos invenções, descobertas e avanços. Mas a que custo?

O autor, então, adota um tom crítico para se referir à busca do homem pela tecnologia – esta, para Krenak, não passa de mera ilusão, isto é, faz com que nos sintamos desbravadores e evoluídos quando, na verdade, deixamos um rastro de destruição pelo caminho.

O planeta está dizendo: "Vocês piraram, se esqueceram quem são e agora estão perdidos achando que conquistaram algo com os brinquedos de vocês". (p. 59)



Essa relação do homem com a tecnologia, afirma Krenak, demonstra uma "infantilidade espiritual" (p. 59); em outras palavras, o autor reafirma o abismo que há entre sua cosmovisão – a de que fazemos parte de um organismo maior, ligado à natureza – e a do homem branco, que brinca de criar foguetes para apenas "uns trinta, quarenta caras" (p. 59) poderem brincar. O equívoco, para Krenak, é acharmos que estamos no domínio:

> A Terra é um organismo muito maior que nós, muito mais sábio e poderoso, e nós, seu brinquedo mais inútil. A Terra pode nos desligar tirando nosso ar, não precisa nem fazer barulho. (p. 60)

O uso do combustível fóssil serve para embasar o argumento do autor. Desde a década de 1990, relatórios já davam conta de que essa fonte de energia não seria sustentável por muito tempo – e desde então sua exploração só fez aumentar. Duas décadas antes, em 1970, a destruição da camada de ozônio também foi anunciada, mas as pessoas estavam preocupadas em trocar de geladeira. O problema, para Krenak, é estarmos viciados no novo: um carro, uma máquina, uma roupa...

Esse hábito de olhar sempre adiante, esperando pela próxima inovação, também serviu de entusiasmo para usarmos a ciência aliada à tecnologia com outro propósito: o de evitar a morte. De acordo com o autor:

> As pessoas hoje querem nascer em hospitais e depois viver blindadas quanto à possibilidade de morrer. Isso é uma falsificação da vida. (p. 63)

Essa afirmação é uma das mais controversas se lida de maneira objetiva, pois parece, em um primeiro momento, ignorar todos os avanços da Medicina a fim de evitar sofrimentos no homem. Por isso, devemos interpretá-la dentro de um contexto mais amplo, que se insere em um discurso cuja finalidade é apontar todas as nossas distrações e a falsa sensação de poder que criamos no decorrer da História. Isso fica mais evidente quando Krenak retoma a pandemia e critica a demonização do vírus da covid-19.

> Somos nós a praga que veio devorar o mundo. (p. 64)

A visão que o autor demonstra ter desse vírus e da pandemia não é leviana. Pelo contrário; durante o confinamento, Krenak preocupou-se e esteve entre os seus. Veremos, em outro texto, uma crítica direcionada a políticos e empresários que se manifestaram contra o isolamento social. Novamente, há que se ter discernimento, aqui, para enxergar a pandemia sob a perspectiva do autor, que possui outra consciência sobre ser e estar

no mundo, sendo parte de um grande organismo – nesse sentido, o vírus surge apenas como uma reação ao nosso modo de vida predatório.

Dando continuidade ao seu raciocínio, Krenak ressalta que alguns homens entenderam, pelo nosso histórico, que não estamos aqui para somar, mas para causar problemas ao planeta. Nesse momento, então, ele cita Chico Mendes, Mahatma Gandhi e Martin Luther King, lamentando que, hoje, eles mal sejam lembrados pelas novas gerações. A culpa, retomando o que já foi explicitado anteriormente, é do capitalismo.

> O capitalismo quer nos vender até a ideia de que nós podemos reproduzir a vida. Que você pode inclusive reproduzir a natureza. A gente acaba com tudo e depois faz outro, a gente acaba com a água doce e depois ganha um dinheirão dessalinizando o mar, e, se não for suficiente para todo mundo, a gente elimina uma parte da humanidade e deixa só os consumidores. Uma espécie de Big Brother governando o mundo ao gosto do capitalismo. (p. 65)

Repare que, de acordo com essa ótica – a das grandes corporações –, como se não fosse suficiente ocasionar a destruição da natureza, lucra-se com ela: na ausência de água doce, nada melhor do que investir na dessalinização do mar e cobrar dos governos e da população por isso.

O autor compara essa visão de mundo a um carro quebrado que é levado para uma oficina e é totalmente reformado:

> Um mundo velho e canalha fantasiado de novo. (p. 68)

O convite que fica é nos lembrarmos de que somos apenas microcosmos desse grande organismo chamado Terra.

O amanhã não está à venda

Nesse texto, o autor retoma o início da pandemia de covid-19 e relata seus dias na aldeia Krenak, junto de sua família. A reserva indígena, situada no médio rio Doce, possui 4 mil hectares – área muito pequena e que

> [...] deveria ser muito maior se a justiça fosse feita. (p. 78)

Embora isolados, o fato de viverem em uma terra indígena não parece ter mudado muito a rotina do lugar. Nesse ponto, enquanto o mundo se isolava em casas e apartamentos, Krenak divaga sobre como poderia explicar às pessoas seu isolamento:

> Desculpem dizer isso, mas hoje já plantei milho, já plantei uma árvore... (p. 78)

O autor, então, revela que sua aldeia já estava em luto pelo rio Doce e, a este, somou-se outro, trazido pela pandemia e pelas mortes das pessoas infectadas pelo vírus. A experiência de isolamento social, com as pessoas se recolhendo e temendo pelo futuro, lembra Krenak do sentimento de ameaça e do medo de extinção que seu povo enfrentou por um tempo – e aqui há uma referência direta à história do Brasil e à perseguição sofrida pelos povos indígenas. Com a pandemia, todos assumem um mesmo lugar, aquele de dúvida: a Terra vai suportar nossa demanda?

Em seguida, Krenak atenta para o fato de que o vírus da covid-19 se mostrou uma ameaça para os seres humanos: plantas, pássaros, ursos e outros seres vivos seguiram a salvo. "A natureza segue" (p. 81), o autor afirma. Com base nesse contexto, deveríamos, então, entender que a humanidade não é a protagonista no planeta; trata-se de um momento oportuno para refletirmos sobre nossa maneira de estar neste mundo; para além da humanidade, há muita vida na Terra – ela não precisa de nós.

Somos piores que a covid-19. (p. 82)

Apesar de todos os problemas e perdas que o vírus causou, nossas ações acumulam um poder de destruição muito maior.

Retomando o conceito de humanidade que o autor explorou no primeiro texto de *A vida não é útil*, aqui ele desenvolve um pouco mais outro,

Observação:

Desastre ambiental: no dia 5 de novembro de 2015, o rompimento de uma barragem, em Minas Gerais, ocasionou a morte de 19 pessoas e provocou o derramamento de 50 milhões de toneladas de rejeitos de minério no rio Doce.

derivado daquele: o de sub-humanidade, grupo formado por "caiçaras, índios, quilombolas e aborígenes" (p. 82) e que, justamente por entender a importância de se manter agarrado na Terra, não é aceito no "seleto" grupo que compõe a dita "humanidade".

Lemos, em seguida, a reafirmação da visão de mundo de Krenak: "Tudo é natureza" (p. 83). Pensar que somos seres à parte da Terra, nesse sentido, constitui um engano. Assim como escolhemos nos divorciar da natureza, é isso o que o vírus parece querer com os seres humanos. Essa analogia é logo substituída por outra:

> A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se mover, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. "Filho, silêncio". A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: "Silêncio". Esse é também o significado do recolhimento. (p. 84).

Nesse trecho, fica evidente o teor convidativo do discurso de Ailton Krenak para a reflexão e a mudança – em contraposição a um posicionamento alarmista, como muitos em um primeiro momento tendem a pensar. O que ele nos pede, então, é para ter coragem e cuidado. Logo depois, inicia suas críticas a políticos e empresários que minimizaram os perigos de circulação durante a pandemia, afirmando que a economia não poderia parar porque algumas mortes seriam mesmo inevitáveis. O tom do autor é assertivo e implacável e pontua que, sendo a economia uma invenção humana, dada a ameaça que o vírus representava à humanidade, toda e qualquer atividade desse âmbito deixou de ter importância ou prioridade. Segundo o autor, esse pensamento é típico daqueles que acreditam na meritocracia – mesmo em contextos e ofertas de oportunidades tão desiguais como os da sociedade brasileira.

Depois, Krenak faz menção a uma das obras mais conhecidas do filósofo Michael Foucault: *Vigiar e punir*. Nela, observa-se que, na sociedade de mercado em que estamos inseridos, é considerável útil apenas o ser humano capaz de produzir, ou seja, de contribuir para a manutenção e o funcionamento dessa sociedade. Uma vez que não gera nada, ele passa a ser apenas uma despesa. Trazendo esse pensamento para a realidade de muitos países, o envelhecimento da população é motivo de preocupação de diversos governos por conta dos gastos com previdência.

Os governos estão achando que, se morressem todas as pessoas que representam gastos, seria ótimo. Isso significa dizer: pode deixar morrer os que integram os grupos de risco. (p. 87)

Para finalizar, Krenak ainda menciona a obra *A peste*, de Albert Camus, uma obra existencialista que reflete sobre a condição humana durante a proliferação de um vírus. O texto de Camus, aliás, figurou nas listas de livros mais vendidos durante a pandemia de covid-19. No encerramento de "O amanhã não está à venda", Ailton relata não ver sentido na volta do mundo ao "velho normal" após o que estávamos vivenciando em 2020.

Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. (p. 91)

Guardadas algumas exceções, no entanto, poucos anos depois desse episódio tão marcante, os carros e as máquinas estão de novo em pleno funcionamento.

A vida não é útil

O último texto é também o que dá nome ao livro que aqui analisamos. Retomando muitas das ideias já compartilhadas anteriormente, Krenak parte dessa constante busca humana por progresso para denunciar como a humanidade vem fincando suas pegadas por onde passa. Essas marcas deixadas pelo caminho não excluem ninguém, nem mesmo um bebê de colo, que ainda não anda, porque ele

[...] vai usar produtos de higiene, fraldas, tecidos, materiais que, em algum lugar, estão comendo a Terra. (p. 96)

Nossa relação com o consumo já está tão cristalizada – e desde nosso nascimento – que sequer nos damos conta disso.

O autor, então, relembra que o surgimento da ecologia se deu a partir da preocupação com o fato de que os recursos que buscamos na natureza são finitos, ao contrário dos nossos anseios de colhê-los, que não têm fim:

E, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer o planeta todo. (p. 97)

Como consequência, aos poucos, estamos desaparecendo, dando fim ao mundo que nossos ancestrais, sem nenhum desses aparatos que consideramos indispensáveis hoje em dia, cultivaram.

Para Krenak, isso é mais visível para as pessoas que não moram nas cidades, onde tudo parece funcionar no modo automático; aquelas que convivem na natureza já notam a diferença. Elas

[...] veem sumir a mata, a abelha, o colibri, formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. (p. 99)

Aqui, o autor retoma a ideia de que o modo de vida ocidental foi responsável por formatar o mundo como se fosse uma mercadoria. Os desdobramentos disso, além de todos os impactos ao planeta dos quais já discorremos nesta análise, englobam ainda outras esferas, como a da educação:

Acho gravíssimo as escolas continuarem ensinando a reproduzir esse sistema desigual e injusto. (p. 101)

Um pouco adiante, Krenak lamenta que o processo de formação tomou, em parte, o espaço dos pais, que acabaram por renunciar à transmissão de aprendizagens e às suas próprias memórias, o que permitia à próxima geração residir neste mundo provida de "algum sentimento de ancestralidade" (p. 102). Em outras palavras, o alvo da crítica não recai totalmente sobre as escolas, mas sobre a maneira como esse estilo de vida moderno, pretensiosamente progressista, embalado pela competitividade que ele próprio gera, acabou por moldar conteúdos curriculares e a esfera educacional como um todo.

Continuando suas críticas, o autor analisa, agora, a ideia de sustentabilidade, muito em voga por grande parte das corporações, que alardeiam em suas peças publicitárias o quanto estão comprometidas com o meio

ambiente. Consequentemente, vem crescendo o número de pessoas que se diz adepta da sustentabilidade, o que, segundo Krenak, se trata apenas de uma "vaidade pessoal" (p. 103). Sobre essa afirmação, ele se defende:

> Disseram que eu estava fazendo uma afirmação que desorganizava uma série de iniciativas que tinham como propósito educar as pessoas sobre o gasto excessivo de tudo. Eu concordo que precisamos nos educar sobre isso, mas não é inventando o mito da sustentabilidade que nós vamos avançar. Vamos apenas nos enganar, mais uma vez, como quando inventamos as religiões. Tem gente que se sente muito confortável se contorcendo na ioga, ralando no caminho de Santiago ou rolando no Himalaia, achando que com isso está se elevando. Na verdade, isso é só uma fricção com a paisagem, não tira ninguém do ponto morto. (p. 103)

Para fundamentar seu pensamento, Krenak revela que tal posição diante da temática da sustentabilidade é uma provocação ao egoísmo; novamente, a dicotomia individualismo × coletividade aparece: não é possível se salvar sozinho e, uma vez provocados quanto a esse fato, somos levados a nos abrir para outras perspectivas, mais abrangentes e que apontam para mudanças maiores.

> É dessa afetação pelos outros que pode sair uma outra compreensão sobre a vida na Terra. (p. 104)

Para o autor, afirmar que economizar água, consumir apenas alimentos orgânicos e trocar o automóvel pela bicicleta soa irresponsabilidade; todas essas ações não garantem que

> [...] vamos diminuir a velocidade com que estamos comendo o mundo – isso é uma mentira bem embalada. (p. 105)

A assertividade com que Krenak trata do assunto é provavelmente um choque de realidade para a maioria dos leitores, considerando o público-alvo de seus livros. E a ideia é justamente essa. Estamos tão envolvidos nessa sociedade que nos incentiva a consumir sempre mais, como se os recursos nunca fossem terminar e a ideia de extraí-los da natureza não causasse nenhum dano significativo, que nos convencer de que adotar algumas medidas como as exemplificadas pelo autor é até conveniente. A partir de sua experiência e sabedoria, no entanto, ele deixa claro: não é.

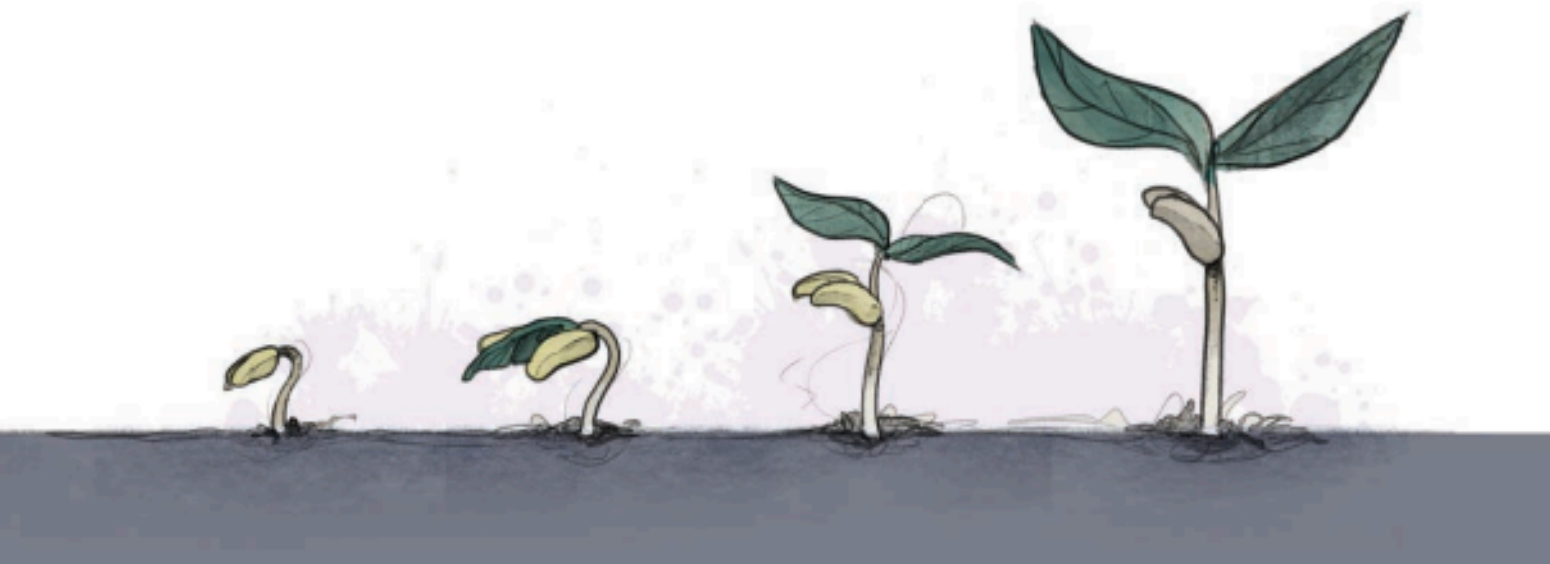
A própria ideia de certificação, dos testes que são feitos com os materiais que consumimos, desde a embalagem até o conteúdo, deveria ser posta em questão antes de a gente abrir a boca para dizer que existe qualquer coisa de sustentável neste mundo de mercadoria e consumo. Estamos transformando os oceanos em depósitos de lixo impossíveis de tratar, mas vocês, certamente, vão escutar um bioquímico ou um engenheiro espertalhão dizendo que tem uma *start-up* que vai jogar um negócio na água, derreter o plástico e resolver tudo. (p. 105)

Para Krenak, estamos de tal modo envolvidos em um sistema desigual que mal nos damos conta do que comemos ou de que respiramos. A História mostra que, após desastres, pessoas que passaram por essas experiências, que tendem a ser bastante traumáticas, se veem desconectadas das fontes de suprimentos e tendem a questionar diversos aspectos a seu redor, uma vez que sua sobrevivência diante de situações incomuns faz com que se sintam vivas. A pandemia da covid-19, nesse sentido, trouxe certa urgência a Krenak para dizer ao maior número de ouvintes – e leitores – verdades que muitas vezes soam incômodas, mas deveriam ser, antes, um chamado para repensarmos nosso estilo de vida individualista, consumista e ilusório.

A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. (p. 108)

Estar vivo, já dizia Guimarães Rosa, requer coragem. Estar vivo, pontua Krenak, é diferente de apenas barganhar a nossa sobrevivência. Esse mundo da mercadoria, caótico e injusto, faz com que sejamos gratos por um emprego, pelos bens que adquirimos, pelas viagens que conseguimos fazer nos trinta dias de férias a que temos direito, enquanto em todos os outros abdicamos de fruir, de estar em contato com o planeta, habitando-o, sobretudo, com instinto de cooperação e respeito.

O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom. (p. 113)



QUESTÕES

1. Na Roma Antiga, a distribuição de pão e trigo e a promoção de espetáculos públicos consistiram na denominada **Política do Pão e Circo** como estratégia para desviar a atenção da população diante de diversos problemas, que iam de saneamento à saúde. Relacione essa política ao pensamento de Krenak acerca do fato de estarmos "dopados" pelo estilo de vida moderno.

2. **UFRGS 2018** Leia o segmento abaixo, do escritor indígena Ailton Krenak.

> Os fatos e a história recente dos últimos 500 anos têm indicado que o tempo desse encontro entre as nossas culturas é um tempo que acontece e se repete todo dia. Não houve um encontro entre as culturas dos povos do Ocidente e a cultura do continente americano numa data e num tempo demarcado que pudéssemos chamar de 1500 ou de 1800. Estamos convivendo com esse contato desde sempre.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. *In*: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1999. p. 25.

Considerando a história indígena no Brasil, a principal ideia contida no segmento é

A) negação da conquista europeia na América, em 1500.
B) ausência de transformação social nas sociedades ameríndias.
C) exclusão dos povos americanos da história ocidental.
D) estagnação social do continente sul-americano após a chegada dos europeus.
E) continuidade histórica do contato cultural entre ocidentais e indígenas.

3. **Uece 2021** Considere a seguinte afirmação do pensador indígena Ailton Krenak: "Nas narrativas tradicionais do nosso povo, das nossas tribos, não tem data, é quando foi criado o fogo, é quando foi criada a lua, quando nasceram as estrelas, quando nasceram as montanhas, quando nasceram os rios. Antes, antes, já existia uma memória puxando o sentido das coisas, relacionando o sentido dessa fundação do mundo com a vida, com o comportamento nosso, como aquilo que pode ser entendido como o jeito de viver".

Krenak, Ailton. Antes o mundo não existia. *In*: Novaes, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

A afirmação, acima apresentada, se baseia em uma concepção de narrativas tradicionais, segundo a qual elas

A) se fundam numa memória coletiva, constituída na transmissão oral, de geração em geração, dando um sentido ético para a existência natural e social.
B) se originam antes do tempo, são anteriores à história e à vida social, por isso não possuem descrições e explicações argumentadas sobre a realidade.
C) têm uma função ética, orientam a vida comum e a relação com o cosmo, com base numa argumentação válida que, contudo, não é lógica.
D) se opõem à narrativa histórica, pois tratam dos mesmos temas e assuntos, mas desprezam a datação, porque esta é um meio de dominação.

4. **Unicamp-SP 2019**

> "Eu acho que teve uma descoberta do Brasil pelos brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos índios na década de 1970 e 1980. Os índios descobriram que, apesar de eles serem simbolicamente os donos do Brasil, eles não têm lugar nenhum para viver nesse país. Terão que fazer esse lugar existir dia a dia. Não é uma conquista pronta e feita."

(Ailton Krenak, em Sergio Cohn (Org.), *Encontros*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015, p. 248.)

Considerando o texto de Ailton Krenak e seus conhecimentos sobre as terras indígenas, assinale a alternativa correta.

A) Os índios organizaram-se num movimento nacional, no século XX, para reivindicar seu direito à terra.
B) Os índios são oficialmente os proprietários das terras brasileiras, embora não possam habitar nelas.
C) As reivindicações indígenas pela terra não foram incluídas na Constituição de 1988.
D) As disputas por terras entre índios e brancos cessaram com a criação de novas reservas no século XXI.

5. **Unesp 2022**

Texto 1

É com Descartes que a oposição homem-natureza se tornará mais completa, constituindo-se no centro do pensamento moderno e contemporâneo. O homem, instrumentalizado pelo método científico, pode penetrar os mistérios da natureza e, assim, tornar-se "senhor e possuidor da natureza".

(Carlos W. P. Gonçalves. *Os (des)caminhos do meio ambiente*, 1989. Adaptado.)

Texto 2

Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco [Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura] por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra.

(Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019.)

Ailton Krenak constata os princípios da filosofia cartesiana ao reconhecer que

A) a natureza operacionalizada serve aos humanos de forma harmônica e reforça a relevância de todos os seres vivos.

B) o método cartesiano tem sido utilizado na natureza a partir de medidas ecológicas estabelecidas pela Unesco.

C) os órgãos oficiais vêm se esforçando pelo equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação da natureza.

D) as instituições que representam a humanidade negligenciam a integral manutenção do meio ambiente.

E) a dúvida cartesiana não permite afirmações sobre o desenvolvimento sustentável, por estas serem inconclusivas.

6. **PUC-RS 2016** Para responder à questão, leia o fragmento do poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado "O homem: as viagens".

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

De acordo com a estrofe apresentada, pode-se afirmar:

( ) O tema da viagem, explorado no texto, refere-se menos a uma viagem física, realizada por espaços desconhecidos e inexplorados, e mais a uma viagem íntima, aquela que o homem realiza ao interior de sua própria subjetividade.

( ) O poema apresenta certo traço narrativo, valendo-se de recursos da oralidade e da desconstrução de palavras para reforçar a ideia da viagem interior.

( ) O poema aborda a difícil viagem interior para destacar uma outra mais difícil: aquela em que o homem precisa aprender uma nova maneira de se relacionar com os outros homens.

( ) Os versos livres com que Carlos Drummond de Andrade compõe seu poema encontram-se também em outras obras do mesmo autor, como *Cadeira de balanço* e *Libertinagem*.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

A) F – V – F – F
B) F – F – V – F
C) F – F – F – V
D) V – V – V – F
E) V – F – F – V

7. **UFRGS 2022** Considere o segmento abaixo.

Apesar da maior parte da produção agrícola do Brasil ser livre de desmatamento, 2% das propriedades

rurais na Amazônia e no Cerrado são responsáveis por 62% de todo o desmatamento potencialmente ilegal. Cerca de 20% das exportações de soja e 17% das exportações de carne de ambos os biomas para a União Europeia podem estar contaminadas com o desmatamento ilegal.

Adaptado de: https://csr.ufmg.br/radiografia_do_car/wp-content/uploads/2020/08/As-macas-podres-do-agronegocio-brasileiro.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

Considere as afirmações abaixo, sobre agronegócio e desmatamento na fronteira de expansão agrícola do Brasil.

I. O desmatamento ilegal, especialmente em terras públicas, Terras Indígenas e Unidades de Conservação, ocorre através do processo de grilagem.
II. O agronegócio brasileiro seria beneficiado por medidas de restauração florestal, pois sua produtividade depende das chuvas reguladas pelas vastas florestas e outras vegetações nativas.
III. O desmatamento ilegal é um problema para o acordo MERCOSUL-União Europeia, pois esse exige que as importações pela União Europeia estejam em conformidade com a legislação do país exportador.

Quais estão corretas?

A) Apenas I.
B) Apenas II.
C) Apenas III.
D) Apenas I e II.
E) I, II e III.

8. Embora seja considerado um importante líder das lutas indígenas e pela preservação do meio ambiente, foi nos últimos anos que Ailton Krenak ganhou maior visibilidade pelo grande público e passou a ser considerado um importante canal de comunicação com as novas gerações. *A vida não é útil*, publicado em 2020, possui cinco textos que exploram temáticas recorrentes nas falas de Krenak. Assinale a alternativa que traz o título de um texto que **não** está presente na referida obra.

A) Sonhos para adiar o fim do mundo
B) O amanhã não está à venda
C) Futuro ancestral
D) Não se come dinheiro
E) A máquina de fazer coisas

9. **Uece 2020** Leia atentamente o seguinte texto:

"As marcas de pneus na terra cor de sangue são profundas e recentes. Tainaky Tenetehar desce da moto para conferir. 'De hoje de manhã', diz ele com a segurança de rastreador veterano sintonizado com quaisquer sinais de movimento humano nessas fronteiras sem lei. Pelo binóculo, ele sonda a savana queimada na morraria bruxuleante que segue até uma crista coroada de árvores ao longe. Nessa que é uma das fronteiras mais disputadas do Brasil – em que o solo desmatado empurra a floresta de crescimento antigo e terrenos privados adentram as fronteiras de terras indígenas –, as marcas de pneus só podem ter um significado".

Fonte: *National Geographic Brasil*, 19 de set. de 2018. Disponível em https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura

Considerando o excerto acima, é correto dizer que

A) garimpeiros, fazendeiros e madeireiros avançam floresta amazônica adentro, em ritmo sustentável, junto aos povos indígenas urbanizados.
B) na fronteira mais disputada do Brasil, o avanço do garimpo, da exploração ilegal da madeira, da grilagem de terras e das queimadas ameaça a existência de povos indígenas isolados.
C) o projeto de desenvolvimento econômico atual da região em questão visa impedir o estabelecimento de novas áreas de garimpo e de exploração da madeira.
D) as marcas dos pneus significam o avanço do extrativismo e da exploração mineral sustentáveis, em comunhão e harmonia com os povos da floresta.

Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11.

Ideias para adiar o fim do mundo

Quando se completaram quinhentos anos da travessia de Cabral e companhia, recusei um convite para vir a Portugal. Eu disse: "Essa é uma típica festa portuguesa, vocês vão celebrar a invasão do meu canto do mundo. Não vou, não". Porém, não transformei isso numa rixa e pensei: "Vamos ver o que acontece no futuro".

Em 2017, ano em que Lisboa foi capital ibero-americana de cultura, ocorreu um ciclo de eventos

muito interessante, com performances de teatro, mostra de cinema e palestras. Fui convidado a participar, e, dessa vez, nosso amigo Eduardo Viveiros de Castro faria uma conferência no teatro Maria Matos, chamada "Os involuntários da pátria". Então, pensei: "Esse assunto me interessa, vou também". No dia seguinte ao da fala do Eduardo, tive a oportunidade de encontrar muita gente que se interessou pela estreia do documentário *Ailton Krenak e o sonho da pedra*, dirigido por Marco Altberg. O filme é uma boa introdução ao tema de que quero tratar: como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.

Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas, originadas em diferentes culturas, possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade?

Pensemos nas nossas instituições mais bem consolidadas, como universidades ou organismos multilaterais, que surgiram no século XX: Banco Mundial, Organização dos Estados Americanos (OEA), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Quando a gente quis criar uma reserva da biosfera em uma região do Brasil, foi preciso justificar para a Unesco por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração. Para essa instituição, é como se bastasse manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra. Se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos — ou os netos de nossos tataranetos — vão poder passear para ver como era a Terra no passado. Essas agências e instituições foram configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos sua perpetuação, aceitamos suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser.

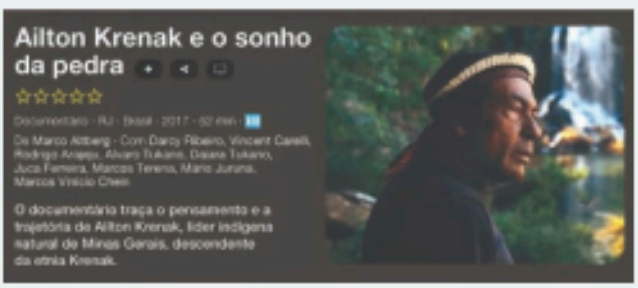
Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

AILTON KRENAK. Adaptado de *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

10. **UERJ 2023** Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak questiona o que se convencionou chamar "humanidade", em especial a partir do século XVI. Esse questionamento deve-se principalmente ao fato de o sentido dessa palavra poder ser associado, na perspectiva de Krenak, à ideia de:

A supremacia
B radicalismo
C estagnação
D anacronismo

11. **UERJ 2023**


Ailton Krenak e o sonho da pedra
Documentário · RJ · Brasil · 2017 · 82 min
De Marco Altberg · Com: Darcy Ribeiro, Vincent Carelli, Rodrigo Aragão, Álvaro Tukano, Daiara Tukano, Juca Ferreira, Marcos Terena, Mário Juruna, Marcos Vinício Chein
O documentário traça o pensamento e a trajetória de Ailton Krenak, líder indígena natural de Minas Gerais, descendente da etnia Krenak.

"O problema é que faz muito tempo que nós começamos a achar que todos os lugares são lugares para serem ocupados pelos humanos. Pelos humanos e pelas suas tralhas. Pelos humanos e as suas tralhas tecnológicas, seu aparato, seu maquinário, suas cidades estúpidas."

Adaptado de canalcurta.tv.br.

No trecho citado do documentário, Ailton Krenak faz uma crítica às "tralhas tecnológicas" da humanidade. Essa crítica está associada à defesa da:

A integração dos povos tradicionais
B paralisação das práticas científicas
C restauração do planejamento urbano
D interrupção da degradação ambiental

12. Unesp 2023

A ciência avançou tanto que as pessoas acham que não precisam mais morrer. Continuamos usando todos os artifícios da tecnologia, da ciência, para endossar a fantasia de que todo mundo vai ter comida, todo mundo vai ter geladeira, todo mundo vai ter leito hospitalar e todo mundo vai morrer mais tarde. Isso é uma falsificação da vida. A ciência e a tecnologia acham que a humanidade não só pode incidir impunemente sobre o planeta como será a última espécie sobrevivente e a única a decolar daqui quando tudo for pelo ralo.

(Ailton Krenak. *A vida não é útil*, 2020. Adaptado.)

A situação criticada pelo filósofo e líder indígena Ailton Krenak é fruto de uma visão de mundo decorrente do pensamento moderno, qual seja,

A O mecanicismo cartesiano.
B O idealismo hegeliano.
C O transcendentalismo kantiano.
D O jusnaturalismo lockiano.
E O existencialismo sartriano.

13. Unicamp-SP Indígena 2019

A maior parte das Terras Indígenas no Brasil encontra-se na Amazônia Legal. Essa região concentra 98,25% da extensão de todas as Terras Indígenas do país. O restante, 1,75%, espalha-se pelas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

(Adaptado de https://pib.socioambiental.org/pt/Localiza%C3%A7%C3%A3o_e_ extens%C3%A3o_das_TIs.)

O que explica essa concentração de Terras Indígenas em uma única região do país? Assinale a alternativa correta.

A É a região de origem de todas as populações indígenas do país. Desde o começo da colonização elas têm vivido unicamente nesse espaço.
B É a única região que oferece extensão de terras suficiente para acomodar as populações indígenas de todo o país.
C É a região que se tornou historicamente um espaço de refúgio, abrigando as populações indígenas sob pressão da colonização nas outras regiões do país.
D É a região que atraiu a migração indígena das demais regiões do país em busca de ouro, diamantes e outras riquezas.

14. Unicamp-SP Indígena 2019

"A floresta no chão tem mais valor" é um argumento utilizado por muitos ambientalistas para convencer as pessoas de que manter as florestas em pé é vantajoso para o país. Considere esse argumento e observe o cartum a seguir.

(Disponível em https://www.humorpolitico.com.br.)

O personagem do cartum

A deve ser um ambientalista, pois concorda que a floresta deve ser preservada.
B resolveu se juntar à causa dos ambientalistas para garantir que vai continuar tendo lucro.
C deu outro sentido para a frase; para ele, "floresta no chão" significa "floresta derrubada".
D é um madeireiro que, diferentemente da maioria dos madeireiros, dá valor à preservação das florestas.

15.

Após conhecer um pouco mais da cosmovisão de Ailton Krenak – que também é a de seu povo e a de outros grupos que, segundo o autor, são considerados "sub-humanidade" –, escreva a introdução de um texto dissertativo que tenha como tema "O mercado de consumo e o meio ambiente: para onde estamos indo?".

GABARITO

1. O estilo de vida moderno, para Krenak, é mais perigoso do que muitas drogas que têm seu consumo proibido. Isso porque a sociedade de consumo na qual vivemos faz com que queiramos sempre mais; trocamos frequentemente de celular, compramos mais peças de roupas do que somos capazes de usar, mais automóveis do que as vias de uma cidade comportam; queremos mais dinheiro, mais diversão, um estilo de vida permeado pelas últimas tecnologias. Enquanto estamos distraídos com isso, os recursos para a produção de serviços e bens materiais são extraídos da natureza de maneira desenfreada e irresponsável, como se fossem infinitos – e definitivamente não são. Portanto, assim como na política do Pão e Circo, vivemos uma época em que desviamos os olhos dos verdadeiros problemas enquanto buscamos distração e entretenimento numa vida ilusória.

2. E

Segundo o trecho citado, encontro entre culturas ameríndias e europeias não deve ser tratado como um episódio pontual, que se localiza apenas em uma data cronológica; pelo contrário: é um processo contínuo e que até hoje persiste.

3. A

As narrativas tradicionais são pautadas em uma memória coletiva, que se constitui da transmissão oral, no decorrer das gerações, e confere, portanto, um sentido ético para a existência, nos âmbitos natural e social. A alternativa B está incorreta porque, embora as narrativas remontem a um tempo anterior ao da História, elas são, sim, explicadas segundo a cosmovisão desses povos. A alternativa C está incorreta porque essas narrativas não são desprovidas de lógica – apenas apresentam uma lógica diferente da nossa. Por fim, a alternativa D não pode ser considerada correta porque o propósito das narrativas tradicionais não consiste em se opor à narrativa histórica; as narrativas tradicionais apenas não estão submetidas a esta.

4. A

A alternativa B está incorreta, pois com a Constituição Federal de 1988 os povos indígenas passaram a ter direito sobre suas terras (ao menos em teoria, já que o processo se mostrou mais complexo na prática e muitos povos ainda lutem pelas demarcações apropriadas). Logo, a alternativa C e a alternativa D também estão incorretas, pois na Constituição Federal há um capítulo para tratar dos direitos dos indígenas e, ainda hoje, as disputas por terras não teve fim, já que atividades extrativistas ocorrem em territórios que teoricamente pertencem a povos indígenas.

5. D

O universo filosófico dos séculos XVII e XVIII tinha como base a consolidação e a emancipação do homem na sua relação com a natureza – o que se verifica, por exemplo, nos pensamentos de Descartes e seu viés racional. Descartes defendia, sobretudo, que o ser humano era regido pela razão, que serviria como ponto de partida para desenvolver os mecanismos que fazem da natureza sua base para adaptar e criar. No entanto, a lógica capitalista se apropria da razão como uma ferramenta para produzir riquezas, ignorando uma relação mais sustentável com a natureza. Criar algo, então, constitui um ato dotado de negligência, isto é, desprovido da ideia de harmonia que Ailton Krenak defende.

6. D

V-V-V-F. As três primeiras afirmativas são verdadeiras: a viagem, no poema, inicia sendo trabalhada como uma viagem física, geográfica, mas revela-se, ao fim, uma viagem íntima, realizada ao interior e, portanto, com subjetividade intrínseca. Além disso, ao mostrar as primeiras viagens, o poema adquire um teor narrativo, usando de recursos de oralidade e desconstrução de palavras para revelar a derradeira e verdadeira viagem. A última afirmativa é falsa, pois *Cadeira de balanço* é um livro de prosa e *Libertinagem* é um livro de poemas de Manuel Bandeira, e não de Carlos Drummond de Andrade.

7. E

Todas as afirmativas estão corretas. Nas áreas de fronteira agropecuária, vemos um avanço do desmatamento, que, intensificado, acaba por prejudicar a preservação do meio ambiente e compromete acordos comerciais com países que estão empenhados em adotar medidas sustentáveis. No mais, cabe ressaltar que o garimpo ilegal se constitui como uma das atividades que representam maior ameaça às terras indígenas.

8. C

O único título que não está presente em *A vida não é útil* é o que está indicado na alternativa C, Futuro ancestral. Esse, aliás, é nome de outro livro – também uma coleção de textos – de Ailton Krenak, lançada em 2022.

9. B

Durante a última década, vimos um aumento no número de conflitos por posse de terras na região amazônica, envolvendo os povos indígenas e garimpeiros,

madeireiros, grileiros e proprietários de terras rurais. Isso se deveu, principalmente, por conta da expansão agrícola e do aumento de desmatamento e queimadas. As alternativas A e D estão incorretas, pois garimpeiros e madeireiros não estão comprometidos com práticas sustentáveis, nem em estabelecer uma relação harmoniosa com os povos indígenas. A alternativa C está incorreta porque as iniciativas que visam ao desenvolvimento da região buscam, em especial, atingir o crescimento econômico a partir de atividades agropecuárias.

10. A

A alternativa correta é a primeira, pois Krenak, em suas falas e nos textos originados delas, critica o fato de a humanidade se considerar acima de todos os outros seres que vivem na Terra. Segundo o autor, trata-se de uma espécie de clube muito restrito, que deixa de fora outros grupos (como indígenas, quilombolas, caiçaras), que se encaixariam como uma "sub-humanidade" nesse contexto. Conforme o ser humano aprimorou técnicas, desenvolveu projetos e passou a se pautar em princípios como modernidade e progresso, ele passou a se considerar superior e imbatível, esquecendo-se de que a natureza que ele explora possui recursos finitos.

11. D

Krenak é, além de uma liderança das lutas indígenas, um ambientalista. Nesse sentido, ele critica a sociedade de consumo em que vivemos porque dela decorre toda a exploração irresponsável e sem controle do meio ambiente. O autor não é contra a ciência e tampouco trata, em suas falas, de planejamento urbano – apenas de replanejamento humano, visando ao fim da degradação ambiental.

12. A

A modernidade foi inaugurada pela razão pontuada por René Descartes e seu uso baseado em modelos matemáticos e lógicos. No decorrer do tempo, razão e ciência passaram a ser usados como instrumentos de dominação, já inseridos em um contexto no qual o modelo econômico produziu diversos impactos ambientais e desigualdades.

13. C

A concentração das Terras Indígenas (TIs) nessa região pode ser explicada a partir do processo de colonização e formação da sociedade brasileira: até o fim da década de 1988, os povos indígenas foram explorados, perseguidos e mortos. Alguns desses povos, para fugir dessa realidade ameaçadora, refugiaram-se na região amazônica a fim de sobreviverem.

14. C

O madeireiro deu outro sentido para a frase, interpretando-a como lhe convém e de acordo com seus interesses. "Floresta no chão", para ele, passa a ser sinônimo de "floresta derrubada", uma vez que seu trabalho consiste basicamente em derrubar árvores.

15. Resposta pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 9 jun. 2023.

ITAÚ CULTURAL. *Ailton Krenak*. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641357/ailton-krenak. Acesso em: jun. 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

POVOS Indígenas no Brasil. Povo: Krenak. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak. Acesso em: jun. 2023.

PROFETA do clima, James Lovelock morre aos 103 anos, na Inglaterra. *Veja*, 17 jul. 2022. Disponível em: https://veja.abril.com.br/ciencia/profeta-do-clima-james-lovelock-morre-aos-103-anos-na-inglaterra. Acesso em: jun. 2023.

TERRAS Indígenas. Terra Indígena Krenak. Disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3736. Acesso em: jun. 2023.

VILAÇA, Aparecida. Do parque ao *parking*. *Quatro cinco um*, 1º jul. 2019. Disponível em: https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/ciencias-sociais/do-parque-ao-parking. Acesso em: jun. 2023.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br

Poliedro
Sistema de Ensino

EDUCAÇÃO QUE PRESERVA O AMBIENTE

2023 – A+P
10015127